

**Resumo:** *A sociedade em que vivemos, em especial o Brasil, está passando por uma séria crise humanitária. Após tantos anos de “civilização”, nós, que deveríamos evoluir, muitas vezes regredimos quando se trata de relacionamento com o próximo, sobretudo o diferente. Agora está em voga o preconceito em relação a certa parte do país em que a maioria são pobres. A história da relação entre as classes, desde Marx até hoje nos ajuda a entender melhor o que acontece na atualidade. De outra parte, como instrumento fundamental, só podemos analisar qualquer realidade com os olhos de Jesus. Isso significa com o modo pelo qual cada ser humano era tratado, especialmente os menos favorecidos, pelo pobre Filho do carpinteiro. Esse é princípio de nossa práxis cristã.*

**Palavras-chave:** *Pobre. Bem aventurados. Libertação.*

**Abstract:** *The people of Brazil at our age and time are suffering from a serious crisis of humanitarianism. After so many years of “civilization” instead of growth in a steady development we are falling behind in terms of regression when it comes to consolidate a relationship with our neighbor especially with those who are different. What is in vogue is a preconception towards a restricted section of the country where the majority is poor. The history of the relationship between social classes, since Marx up to today, helps us to understand better what is going on in our time. On the other hand, notwithstanding the need for a fundamental means for an analysis of social reality, we can only deal with it through the eyes of Jesus. This means that the way we get in touch with each human being, especially those in need, we ought to rely on someone like the poor Son of the carpenter. For us he is like a paradigm to be used in our Christian way of life.*

**Key words:** *Poor, Blessedness, Liberation.*

## “Felizes os pobres...” (Mt 5,3): Um convite à libertação

*Armando Rafael Castro Acquaroli\**

\* Concluiu o curso livre de Teologia no ITESC em 2014 e pertence à Diocese de Joinville. Bacharel em Teologia pelo ITESC/FAJE, Faculdade Jesuíta de Belo Horizonte, MG.



## Introdução

No mundo em que vivemos, o Brasil, sobretudo nos últimos anos, tem-se destacado no cenário econômico. Várias foram as conquistas que tornaram possível a redução da desigualdade pela qual somos marcados desde que Cabral aportou nestas paragens.

Porém, ao mesmo tempo, um determinado setor da sociedade brasileira, que se julga “mais desenvolvida”, tem feito nos últimos tempos uma verdadeira guerra contra os pobres. Diante do abismo que vem se criando entre as classes econômicas, é mister analisar a situação na qual o pobre se encontra. O intento é fazer com que ele se torne cada vez mais independente e livre. Para tanto será utilizado o pressuposto do marxismo, porém bem atenuado, e ainda o Evangelho em maior medida, pois é nele que nossa fé se baseia, não em ideologias.

### 1 De Marx até hoje

Em 1848, quando Marx publicou o *Manifesto do Partido Comunista*, a sociedade vivia uma grande tensão entre os ricos proprietários e os pobres explorados, então chamados proletários. Isso porque sua única “riqueza” não era o capital, mas os inúmeros filhos (a “prole”), que seriam sacrificados nas indústrias que serviam de Templo ao deus dinheiro. Naquele ano, a publicação do boêmio filósofo terminava com a famosa frase tornada slogan entre os esquerdistas: “*Proletários do mundo, uni-vos!*”

Muitos eventos aconteceram depois dessa conclamação, considerada o marco do comunismo inspirado por Marx. Seus pôsteros procuraram aplicar as teorias apresentadas pelo dito filósofo e economista, dando origem ao chamado marxismo. Dentre as manifestações na “práxis”, para usar o vocabulário marxiano, desenvolveu-se o bloco comunista liderado pela então URSS.

Como a história nos mostrou, tal experiência foi um “banho de sangue”, um atentado à liberdade humana, um crime contra a dignidade humana e tantos outros adjetivos negativos. Por outro lado, foi uma alternativa à selvageria do Capitalismo, cuja idealizada “mão invisível”<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Cf. SMITH, Adam. *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações: Princípios de economia política e tributação*. Tradução Conceição J. M. C. Cary et al. 2.ed. (Coleção *Os Pensadores*). São Paulo: Abril, 1979.



tornou-se tão inócua ao ponto de ter sido *amputada* pelo sistema financeiro vigente.

O meio utilizado para fazer as elites perderem o poder foi justamente a revolução social. Conforme o Prefácio à edição alemã (1883) do Manifesto:

*Toda la historia (desde la disolución del régimen primitivo de propiedad común de la tierra) ha sido una historia de lucha de clases, de lucha entre clases explotadoras y explotadas, dominantes y dominadas, en las diferentes fases del desarrollo social; y que ahora esta lucha ha llegado a una fase en que la clase explotada y oprimida (el proletariado) no puede ya emanciparse de la clase que la explota y la oprime (la burguesía), sin emancipar, al mismo tiempo y para siempre, a la sociedad entera de la explotación, la opresión y las luchas de clases.*<sup>2</sup>

Desta feita, Marx difere de seus predecessores justamente pelo fato de que muda o sujeito da transformação social. Aparentemente, a ideia dos socialistas utópicos, também chamados anarquistas, os quais aboliram a propriedade privada, seria a forma concreta do comunismo na história. Todavia, esse socialismo, que teve seu mérito com Proudhon, Fourier, Owen... não foi efetivamente o proposto por Marx. Principalmente porque, aquele, ocorreu de “cima para baixo”, isto é, quem financiou os falanstérios e outras iniciativas socialistas foi a burguesia. Isso significa que o proletariado ainda estava sob o jugo dos mais fortes. Eis o fracasso desse sistema!

Na utopia do filósofo da praxis, “*en la misma medida en que sea abolida la explotación de un individuo por otro, será abolida la explotación de una nación por otra*”<sup>3</sup>. Ora, na lógica de seu pensamento, uma revolução não se faz simplesmente entrando no jogo passivo da política.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifiesto del partido comunista*. 5. ed. Pekin: Editorial del pueblo, 1975. p. 7-8.

<sup>3</sup> MARX; ENGELS, 1975, p. 57.

<sup>4</sup> Por “jogo pacífico da política” entende-se o modo pelo qual ocorre a representação do povo pelos seus candidatos. Hoje, como outrora, para que alguém chegue a alguma esfera de poder considerável é mister se aliar às grandes oligarquias que comandam a coisa pública desde tempos idos. Como quem detém o poder não quer perdê-lo, permite-se que um idealista, um sonhador ou um reformador se insira nesse meio. Essa é uma forma de afirmar que na democracia existe espaço para todos. No entanto, para que se mantenha em sua posição, o “novo” precisa manter certas regalias “antigas”. Vale dizer que as grandes campanhas políticas são todas financiadas pelos grandes proprietários do país, os quais não “doam” aos partidos por caridade, nem mesmo porque compactuem com suas ideias. Seu único objetivo é manter a *status quo* que



Pois, nela, qualquer pequena mudança deve passar pelo crivo dos que realmente detêm o poder, a saber, os possuidores do capital.

Por isso, Marx viu a necessidade da revolução. Muitos inclusive a interpretaram como revolução armada. Em nosso país, as poucas manifestações comunistas de meados do século passado foram todas brutalmente reprimidas pelo governo de extrema direita sob a égide de preservar a “Ordem e Progresso”.

Não obstante isso, alguns resquícios da esquerda de então perderam ainda hoje em segmentos de certos partidos políticos. Vale dizer, porém, que não há nenhum partido hoje que possa ser considerado *realmente* de esquerda. Isso porque todos estão aliados ou coligados aos partidos de centro nos quais a mudança acontece muito lentamente, numa tentativa de agradar “gregos e troianos”, isto é, os ricos<sup>5</sup> e os miseráveis. Portanto, tendem mais a “conservar” em vez de “mudar”.

Porém, tais vertentes “de esquerda” têm feito um grande bem à população mais pobre de nosso país, numa tentativa de redução da desigualdade. Conforme Leonardo Boff, houve duas revoluções no atual governo:

*[...] uma rumorosa e outra silenciosa. A rumorosa foram as muitas políticas sociais que são do conhecimento geral. Estas ficaram visíveis nas multidões que começaram a usufruir daqueles benefícios mínimos de uma sociedade moderna. Tal fato correu o mundo e serviu de ponto de referência para outros países. [...] Não só pensa nos pobres, mas faz para os pobres e mais ainda, na linha de Paulo Freire, faz com os pobres. Mas houve também uma revolução silenciosa: as várias universidades federais criadas em todo o país e as dezenas de escolas técnicas e cursos profissionalizantes que habilitaram milhões de pessoas.<sup>6</sup>*

---

lhes permite usufruir das regalias oferecidas pelo “novo” governo. Portanto qualquer tipo de novidade se dá de modo pacífico, isto é, sem confrontos, sem mudanças “reais”, apenas de forma paliativa.

<sup>5</sup> Tal expressão muitas vezes foi vista erroneamente por membros da esquerda, os quais confundiam “classe média” com ricos. Assim, não faltaram condenações a quem tem um carro do ano, uma casa na praia, um sítio... Na verdade, quando se fala de ricos fala-se daqueles que possuem tanto dinheiro que sequer são capazes de usá-lo. É o caso de 1% da população mundial que detém metade do capital mundial. (cf. <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536331-o-1-dos-mais-ricos-detem-a-metade-da-riqueza-mundial-diz-relatorio>>). Ou ainda aqueles cuja renda está pouco abaixo disso.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/09/20/as-muitas-razoes-para-votar-em-dilma/>>.



Certamente essa é uma visão idílica da realidade, que não contempla os grandes problemas que chocam qualquer cidadão de bem, como a corrupção e o abuso de programas sociais como cabides eleitorais. No entanto, parece sensato afirmar que os pobres têm sido mais beneficiados com programas oferecidos *com o dinheiro do povo*, pelo Governo.

Estamos nos encaminhando agora para uma nova etapa da história que passa pelos menos favorecidos. Os pobres, há muito tempo, sempre foram tratados como objetos da caridade dos que mais têm. Muitas vezes vistos como “entraves”, “atrasos para o desenvolvimento”, “mediócras”, “vagabundos”... Sobretudo após as eleições presidenciais de 2014, criou-se um abismo cada vez maior que distancia os “evoluídos”, “trabalhadores”, “inteligentes”, concentrados mais ao Sul do país, de todo o “resto”.

Esta parece ser uma “atualização” do *Übermensch* de Nietzsche, isto é, do homem que se transcende, “da raça dos conquistadores e senhores”<sup>7</sup>. Contudo, tal filósofo da suspeita recebeu uma dura crítica de Dussel, para o qual ele

*[...] é a expressão final do ethos dominador moderno europeu. Sua “vontade de domínio” não é senão a formulação ontológica do “eu conquisto” hispânico ou do “eu penso” cartesiano. Sua virtude suprema, o bem como guerra, o guerreiro injusto e conquistador como herói pátrio, é a mais cega, opressora e desumana das atitudes possíveis: o ethos da dominação que apresenta como virtude insigne o assassinato, a violência, ou melhor, a violação do Outro.*<sup>8</sup>

Do mesmo modo, alguns sulistas, descendentes de europeus, querem negar o direito à “brasileiridade” aos que não se enquadram no que consideram alto padrão de vida. Vale dizer que os ascendentes de que nos orgulhamos chegaram a estes confins para escapar da fome que os assolava, sem ter encontrado uma situação favorável que lhes propiciasse grandes conquistas. Somente depois de três ou quatro gerações de descendentes é que se consolidou alguma riqueza considerável. Assim, prefere-se esquecer o passado da fome e simplesmente condenar os que dela padecem na atualidade.

<sup>7</sup> NIETZSCHE Apud DUSSEL, Enrique. *Para uma ética da libertação latino-americana: Eticidade e moralidade*. V. 2. São Paulo: Loyola; Piracicaba: Unimep, 1977. p. 103.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 103-104.



Não obstante isso, essa geração de “homens superiores”, cuja ignorância é estarrecedora, na verdade está abrindo espaço para a emancipação do pobre. O pobre está se sentindo cada vez mais humilhado por precisar de auxílio governamental. E agora que já recebeu o básico para seu desenvolvimento é chegada a hora em que ele precisa levantar a cabeça.

O modo pelo qual isso pode acontecer passa pela mensagem cristã. Ora, como nosso intento não é simplesmente sociológico, mas teológico, não temos como pressuposto metodológico Karl Marx. Aqui vêm à tona os grandes baluartes da utopia cristã: A Bíblia e a Tradição, cuja imbricação não as torna opostas, mas complementares (Cf. DV 21). Elas podem nos ajudar a superar muitas das dicotomias, feitas por aqueles para os quais a unidade não é conveniente.

## 2 Um novo olhar para os pobres em Mt 5,3

No Antigo Testamento, com certeza, o exemplo dos pobres que se levantam contra seus dominadores e adquirem a independência é bastante numeroso. Vale dizer, porém, que sua mensagem é antes de tudo pacífica, jamais um convite à guerrilha ou o uso da força para alcançar seus objetivos. Quem faz uso da força são os poderosos que confiam em “*carros e cavalos*” (cf. Sl 20,8). Para compreender isso é preciso recorrer aos gêneros literários<sup>9</sup> sem os quais a Palavra de Deus torna-se instrumento de legitimação de “guerras santas.”

Interessa-nos, porém, o texto da primeira das Bem-aventuranças, proclamada por Jesus em Mateus: “*Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos céus*” (Mt 5,3).

Não nos preocupa a discussão exegética sobre o sentido de *makarioi*. Todavia, de acordo com Chouraqui, houve um engano na hora de passar o texto do hebraico para o grego, por isso ele prefere traduzir a expressão como “em marcha”, ou “avante”<sup>10</sup> De qualquer forma, parecem-nos sensatos os textos vernáculos: “quão abençoados” (STERN),

<sup>9</sup> Sobre isso vale a leitura do recente documento: PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura: A palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo*. Tradução Ney Brasil Pereira. São Paulo: Paulinas, 2014.

<sup>10</sup> Cf. BARROS, Marcelo. *Conversando com Mateus*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus; Goiás: Rede, 1999. p. 37.



“felizes” (SCHÖKEL) ou “bem aventurados” (ALMEIDA), pois todos denotam algo de especial aos menos favorecidos de então.

Além disso, no fundo, podemos dizer que cada um dos adjetivos das bem aventuranças (“os que choram”, “os que têm fome e sede de justiça”, “os misericordiosos”...) na verdade são outra forma de dizer “pobre.” Portanto, os mais carentes são os destinatários privilegiados das benesses do Reino.

Embora haja quem pense numa distinção entre os pobres nas Bem aventuranças de Lucas e Mateus<sup>11</sup>, preferimos a versão segundo a qual os pobres no espírito “*são aqueles economicamente pobres e cujos espíritos ou seres são esmagados pela injustiça econômica*”<sup>12</sup>. São os que vivem, na pirâmide econômica, abaixo de todos. Eles, de acordo com uma análise sobre aquele tempo,

*[...] não tinham nenhuma propriedade e se sustentavam fazendo bicos nos portos, na construção e na agricultura. Se eram cidadãos romanos moradores de Roma, podiam exigir seu quinhão na distribuição mensal de cereais, e havia suprimentos especiais para sustentar os pobres em algumas outras cidades (Estrabão, Geografia 14.2.5). Uma estratégia para a sobrevivência do pobre era aliar-se como cliente a um patrono mais poderoso. Outra, era roubar, ou pedir esmolas. Entre os mendigos estavam os doentes, os cegos, os paralíticos e os leprosos, que desempenham papel tão importante nos relatos evangélicos do ministério de Jesus.*<sup>13</sup>

Como se isso não bastasse, havia a religião que, muitas vezes, excluía tais pessoas, vendo-as como impuras ou pecadoras. Mas Jesus dirige uma palavra especial aos que sofrem com a dupla carga (econômica e religiosa) carregada por eles: “*Vinde a mim todos vós que estais cansados*” (Mt 11,28). Isso porque deviam suportar o peso da falta de perspectiva e do desprezo público. Por conseguinte, Jesus, tanto nas Bem aventuranças (“em marcha”, “avante”) quanto em outros textos (cf. Mt

<sup>11</sup> Em Lc 6,20, que teria sido o texto mais antigo, por ser mais curto, se pensa em pobres de fato. Já em Mt 5,3, como se fala de “pobres no espírito”, se pensa nos pobres em sentido religioso. Cf. JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. V.1. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 174.

<sup>12</sup> CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. Tradução Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002. p. 179.

<sup>13</sup> STAMBAUGH, John E. BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996. p. 102.



9,5.9.22; 28,10...), chama o pobre a superar-se, a ir adiante, a libertar-se das amarras criadas pelos mantenedores do poder humano.

Nesse sentido, o olhar que Jesus tinha em relação aos marginalizados é aquele prefigurado em Is 66,2 em contraste com os que só viam as glórias do Templo humano: *“eu olho para o aflito, aquele de espírito abatido.”* Seu modo penetrante de perscrutar o coração humano, o faz mais livre e pronto a superar-se cada dia. O encontro com ele não permite que nos acomodemos. Esse foi o grande milagre de Jesus!

Isso não significa que Jesus tenha odiado a pobreza, condenando-a como algo nefasto. Conforme nos ensina a Tradição da Igreja, *“a pobreza não é um opróbrio e (o pobre) não se deve corar por ter de ganhar o pão com o suor do seu rosto”* (RN 13).

No entanto, ninguém nasce numa condição de vida miserável porque quer. Isso é fruto de certos condicionamentos ambientais, muitas vezes a tal ponto intrincados na sociedade que se tornam deterministas. É mister considerar ainda que existem aqueles que optam pela simplicidade como estilo de vida, como forma de vivência mais radical da pobreza anunciada nas Bem aventuranças. A esses últimos fica um voto de louvor. E aos primeiros um convite a romper o “complexo de inferioridade” e perceber o Espírito divino que existe em cada ser humano, feito à Sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,28). Isso, porém, precisa ser usado para construir e não destruir relações.

## Conclusão

Diante do atual cenário em que nos encontramos, é mister que o pobre sinta dentro de si a força de Deus que o impulsiona a ser mais do que aquilo que lhe é imposto de modo determinista. Todo ser humano é capaz de ser mais livre e independente da esmola do rico. O pobre, de modo especial, precisa romper a epistemologia tradicional que o subjeta à condição de Objeto, para se tornar Sujeito, com a dignidade de filho de Deus.

Os auxílios feitos até o presente momento, para redução da desigualdade e atenuação do “ciclo da pobreza”<sup>14</sup>, sem dúvida foram impor-

<sup>14</sup> Tal expressão quer significar o processo pelo qual uma pessoa que nasce pobre não encontra meios para sair de sua condição devido a numerosos fatores locais. Desse modo, quem não estuda, preferindo somente trabalhar, tende a não melhorar sua renda e, por isso, será sempre pobre. Ou ainda, quem não tem acesso a uma alimentação adequada, terá problemas cognitivos e de aproveitamento tanto na escola quanto





tantes. Mas hoje os pobres têm mais condições de serem emancipados e oferecer uma vida menos sofrida aos seus pósteros. Além disso, na comédia da existência, todos podem se inspirar na missão quixotesca: “[...] eu nasci, por determinação do céu, nesta idade de ferro, para nela ressuscitar a de ouro.”<sup>15</sup> A Idade de Ouro já foi inaugurada por Jesus no modo como ele proclamou o Reino. Portanto, se em 1848 Marx chamara os proletários à união, hoje, aos pobres, fica o convite: Libertai-vos!

## Referências

BARROS, Marcelo. *Conversando com Mateus*. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus; Goiás: Rede, 1999.

BOFF, Leonardo. *As muitas razões para votar em Dilma*. Disponível em: <<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/09/20/as-muitas-razoes-para-votar-em-dilma/>>.

CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: Comentário socio-político e religioso a partir das margens*. Tradução Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento: a pregação de Jesus*. V.1. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulinas, 1977.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto del partido comunista*. 5. ed. Pekin: Editorial del pueblo, 1975.

NIETZSCHE apud DUSSEL, Enrique. *Para uma ética da libertação latino-americana: Eticidade e moralidade*. V. 2. São Paulo: Loyola; Piracicaba: Unimep, 1977.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Inspiração e Verdade da Sagrada Escritura: A palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo*. Tradução Ney Brasil Pereira. São Paulo: Paulinas, 2014.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

---

em outras atividades. Para romper com tal esquema é preciso que se invista mais na educação e na satisfação de necessidades básicas, e somente depois no Mercado de Trabalho.

<sup>15</sup> SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2003. p.124.



SMITH, Adam. *Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*: Princípios de economia política e tributação. Tradução Conceição J. M. C. Cary et al. 2. ed. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril, 1979.

STAMBAUGH, John E. BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

UNISINOS. *O 1% dos mais ricos detem a metade da riqueza mundial diz relatório*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536331-o-1-dos-mais-ricos-detem-a-metade-da-riqueza-mundial-diz-relatorio>>.

*Endereço do autor:*

Rua Ipiranga, 227

Centro

88390-000 BARRA VELHA, SC